

Nova técnica reprodutiva dá vida a Sol

Médico de Maringá comemora nascimento do primeiro bebê gerado a partir da vitrificação de óvulo

Silvana Leão

Reportagem Local

O dia 8 de junho de 2007 entrou para a história da medicina reprodutiva. Ontem, às 11h43, nasceu em Maringá o primeiro bebê gerado a partir da técnica de vitrificação de óvulo, descoberta pela equipe do médico e pesquisador Carlos Gilberto Almodin. A técnica é pesquisada há oito anos, teve o protocolo lançado em outubro do ano passado, e deu o primeiro fruto com o nascimento de Sol, uma garotinha tranqüila que pesou 2 quilos e 840 gramas. Os pais, Fathia Abderlrahman Mohamed e Mohamed Hamdan vieram do Sudão há 12 anos, e há 18 tentavam ter o primeiro filho.

"Veio a Sol, agora já estamos pensando em ter a Lua", comemorou o pai, um religioso muçulmano que não está se contendo de tanta alegria. Enquanto a esposa se recuperava do parto, na tarde de ontem, ele contou que logo quer "encomendar" o segundo filho. "Daqui a um ano, ou quem sabe menos", revelou. O médico responsável pelo milagre, por sua vez, garantiu que a vinda do irmão ou irmã de Sol está garantida. "Temos mais sementinhas guardadas", brincou, referindo-se a outros óvulos retirados de Fathia que estão sendo mantidos em um tambor de nitrogênio, a menos 196 graus centígrados.

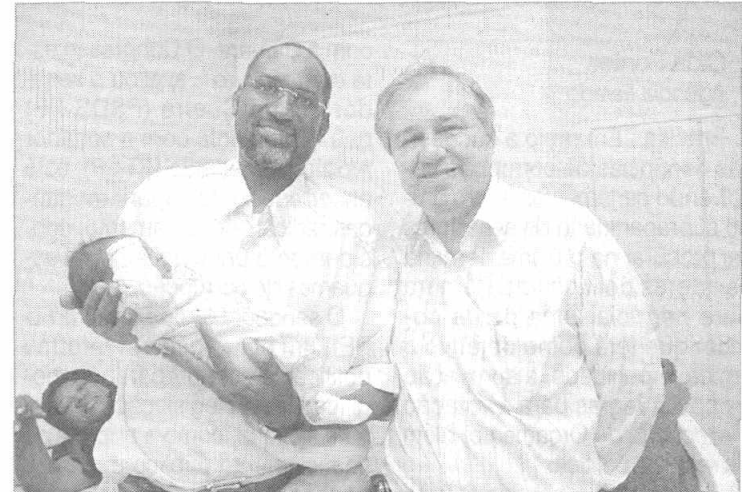
"A crio-preservação de óvulos vinha sendo pesquisada há pelo menos 10 anos por vários cientis-

tas em todo mundo, porém, ao contrário do congelamento de embriões e espermatozóides, os resultados sempre foram muito ruins e nunca foi adotada como rotina", explica Almodin. Para tornar possível a vitrificação, a equipe do pesquisador paranaense desenvolveu e patenteou uma haste de polipropileno – batizada de Vitri-Ingá – que tem um furo minúsculo em uma das extremidades. Neste orifício é colocado o óvulo, que fica suspenso no ar através da vitrificação ou espelhamento, conseguida com o uso de duas soluções. Uma vez vitrificado, o óvulo é colocado no nitrogênio para posterior fecundação.

Segundo o pesquisador, o objetivo é diminuir substancialmente ou até acabar com o congela-

mento de embrião, já que a nova técnica é significativamente mais barata e simples. "Não é preciso nem o uso de computador. São gastos cerca de três minutos por óvulo, enquanto o congelamento de embrião leva de três a quatro horas." Atualmente 12 clínicas brasileiras já adotam a técnica.

O casal Fathia e Mohamed procurou a clínica de Almodin em março do ano passado. O tratamento foi iniciado no dia 7 de agosto e na primeira tentativa a fecundação aconteceu. "Não tenho palavras para definir o que estou sentindo", resumiu a mãe, fitando maravilhada a pequena filha.



O pai Mohamed Hamdan, que veio do Sudão há 12 anos, com a filha Sol, e o médico Carlos Gilberto Almodin

Olga Leira